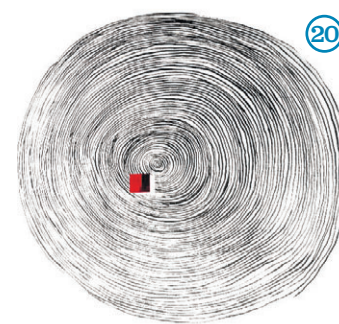


# /// CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO

O INTERIOR



## AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

### ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**Luís Leite Ramos**

Professor universitário, UTAD

*Arquipélago interior: um olhar desde 2040*

*“Para se avaliar a esperança, há de se medir o futuro”*

**Pe. António Vieira**  
in “Uma história do futuro”

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2040. Acabei de chegar a Bragança depois de uma aprazível viagem pela velhinha EN15. Quatro horas de volteios e alguns paros para percorrer a centena e meia de quilómetros que separam o meu rincão natal, nas faldas do Marão, das Terras do Preste de Baçal.

Venho carregado de imagens impressionantes e de sensações fortes. A primeira e, talvez, a mais estranha é a de ter atravessado um insólito e agreste sertão, um território abandonado pelo Homem e devolvido à precedente mão do Deus criador. Com variações e nuances, claro está. Aqui e ali, manchas agrícolas, olival, amendoal e vinha na Terra Quente, soutos e pastagens na Terra Fria. Nos cabeços dos montes, fiadas intermináveis de aerogeradores. As encostas das serras ulceradas pela voragem dos incêndios rurais ou perfuradas por crateras gigantes onde se cava cada vez mais e mais fundo, à cata de minério. Os planaltos ressequidos e estéreis estão atapetados de painéis solares. Tudo o resto é monte, maninho, matagal, floresta nativa e bravia.

Disseminados no seio deste inusitado mar silvestre, surgem, de longe a longe, os ilhéus do vasto arquipé-



Trás-os-Montes em 2040. Imagem criada por IA (ChatGPT, 4 de fevereiro de 2025)

lago interior em que se transfigurou a região transmontana: Varge, Sanguinhedo, Jorjais, Passos, Jerusalém do Romeu, Podence, Quintela de Lampaças, Santa Comba de Rossas. Aldeias centenares, esvaziadas e tristes, onde fechou quase tudo: as casas e os currais; o café e a mercearia; a escola e a igreja. Restam, agora, alguns velhos, deixados à sua sorte ou à falta dela. Mais uns anos, ficarão desertas e abandonadas, como centenas de tantas outras.

As vilas e cidades são as ilhas maiores deste arquipélago interior. É nelas que reside e trabalha o grosso da população e onde subsistem os serviços de saúde, educação, apoio social. Dos cerca de 270 mil habitantes (445 mil em 2001), 80% vivem em localidades com mais de duas mil almas. Mas 2/3 destes habitantes estão concentrados em seis cidades: Vila Real, Bragança, Mirandela, Chaves, Peso da Régua e Lamego. As restantes urbes têm cada vez mais dificuldades em reter população, empregos e serviços: as escolas secundárias, os supermercados, os centros de saúde. Tudo por causa do despovoamento e do inverno demográfico, diz-se. Os velhos são cada vez mais, e mais velhos. Um em cada dois residentes tem mais de 50 anos e um em cada dez tem mais de 85 anos. Por cada jovem de menos de 14 anos contam-se cinco adultos com 65 ou mais anos. A taxa bruta de natalidade é das mais baixas da UE: três nados-vivos por mil habitantes.

A agricultura vive (mais) uma crise profunda. As vendas e os preços do vinho caíram a pique. Não se sabe o que fazer com os excedentes. A seca, o grando, as pragas dizimam as produções de azeitona, amêndoa e castanha. Faltam braços e, sobretudo, agricultores jovens. O turismo não sai da cepa torta: sazonal, de passagem e de nichos. As minas e as energias verdes não criaram os empregos e a riqueza prometida; só escombros e contaminações. A economia vive do comércio e dos serviços, dos salários públicos, das pensões e das remessas dos emigrantes.

Como é que chegámos aqui? Porque é que não conseguimos travar o declínio e o abandono?

As respostas não são fáceis, nem simples. Podemos sempre queixar-nos de uma geografia madrastra, da escassez de recursos, de um clima ingrato, de um isolamento secular e da lógica extrativa da economia, que subtraiu as mais-valias que fazem falta ao seu desenvolvimento. Ou podemos dizer que faltou, ao Estado e às suas políticas, visão e estratégia, ações firmes e consequentes, de vistas largas e de longo prazo, fora da bolha tecnocrática e fora da caixa das ideias feitas e das soluções pronto a vestir. Como diz o povo, “quem avisa amigo é.”